

O mesmo e o outro: Sartre e a má-fé

The same and the other: Sartre and bad faith

Marcelo S. Norberto

<https://orcid.org/0000-0001-9138-8538> – E-mail: msnorberto@gmail.com

RESUMO

A partir da noção de má-fé, o artigo busca traçar as bases para um diagnóstico da contemporaneidade, tendo como índice, por um lado, a falta de determinação humana e, por outro, a efetividade do mundo.

Palavras-chave: Sartre. Má-fé. Contingência. Criação. Cultura. Diagnóstico.

ABSTRACT

Based on the notion of bad faith, the article seeks to lay the foundations for a diagnosis of contemporaneity, having as an index, on the one hand, the lack of human determination and, on the other, the effectiveness of the world.

Keywords: Sartre. Bad faith. Contingency. Creation. Culture. Diagnosis.

Em *Os sequestrados de Altona*, peça de 1959, no clássico monólogo final, através da voz de Franz Von Gerlach, Sartre expõe o dilema humano:

Séculos, eis pois o meu século, solitário e disforme, o réu. O meu cliente dilacera-se por suas próprias mãos: o que tomais por linfa branca é sangue: não glóbulo vermelhos – o réu está a morrer de fome. Mas eu vos direi o segredo desta perfuração múltipla: o século teria sido bom se o homem não tivesse sido acossado pelo seu inimigo cruel, imemorial, pela espécie carnívora que tinha jurado a sua morte, pela besta sem pelo e maligna – pelo

homem. Um mais um são um, eis o nosso mistério. [...] Um mais um são um: que mal-entendido. [...] Este século é uma mulher: está prestes a dar à luz. Condenaria sua própria mãe? (SARTRE, 1962, p. 873, tradução minha).

Através de um jogo de linguagem, digno dos enigmas oraculares, em uma forma quase que poética, Sartre apresenta a questão humana em sua dramaticidade. O século teria sido bom se não fosse a presença de um inimigo. Mas esse inimigo, sem pêlo e terrível, é visto em cada olhar que se aproxima. Esta proximidade não é indicativa de uma reverberação metafórica do *homem como lobo do homem*, popularizado por Thomas Hobbes em *Leviatã*. O que está a ocorrer expressa outra marca. O olhar do outro atua como espelho de si mesmo. Ele fala da ambiguidade que habita a condição humana, deste desdobrar-se contínuo, deste campo humano que se projeta inevitavelmente sobre o mundo. É a partir deste entendimento, de uma condição humana que precisa se haver com suas escolhas, com a postura diante da vida e com o desejo de mundo que produz a cada atitude tomada, que Sartre chegará ao problema da má-fé.

De uma forma concisa, a partir de uma descrição fenomenológica, Sartre, em *O Ser e o Nada*, mostrará como o homem se descobre livre através da angústia, em um processo de reconhecimento. Em um primeiro momento de soberania, se vê livre da determinação e festeja sua capacidade de iniciar processos. Em seguida, assustado, percebe o reverso desta condição. “Condenado a ser livre, (o homem) carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser” (SARTRE, 2012, p. 678). Ao agir, constata a novidade que instaura no mundo e, em conjunto, a responsabilidade que decorrente deste ato.

O entrelaçamento entre vitalidade e compromisso deflagra uma existência efervescente, contingente e incalculável. O imponderável se alinha com ordinário, produzindo um campo fértil para a criação de si, ao mesmo tempo que descortina uma demanda por um responder constante a um estado de coisas situado. A angústia deixa de ser um expressivo ocaso da vida, uma perda de dinamismo (comparável a melancolia e a depressão), para ser vista, graças a captação desta dialética operacional, como a descoberta da própria condição humana enquanto liberdade. Torna-se, nas palavras de Sartre, “absoluta e sem remédio” (SARTRE, 1994, p. 71).

Deste modo, a angústia não se apresenta como um desvio a ser combatido. Afinal, como lutar contra o movimento da vida? Ou ainda, como negar a existência em sua própria dinâmica? O fato é que a liberdade não encontra na angústia sua negação, mas, ao contrário, vê em sua experiência um privilegiado acesso à sua singular expressão. Com o existencialismo, o foco do estudo sobre a liberdade transforma-se inteiramente.

Ao refutar o determinismo psicológico e distanciar-se da liberdade bergsoniana (movimentos teóricos presentes no percurso da obra de 1943 até chegar ao tema da angústia), Sartre quer livrar a liberdade de qualquer amarra, delimitando outro ponto inicial, a partir de uma aposta capital: *se sou livre* e essa liberdade impõe uma indeterminação radical, poderia eu recorrer a condutas de fuga, que me permitiriam evadir de mim mesmo?

Em outras palavras, se não posso suprimir a angústia, pois *sou* angústia e eliminá-la faria com que entrasse em colapso a própria compreensão do humano, poderia, ao menos, amenizar tal *status*, seria possível distender os laços da existência a tal ponto que o tecido da vida humana já não possuísse a mesma configuração de responsabilidade? Haveria meios suficientemente capazes de submetê-la a um regime letárgico, fornecendo uma face inofensiva a essa angústia que me corrói e, com isso, tornando-lhe palatável para um homem em fuga? O preço oferecido será a própria liberdade, liberdade esta que possibilitou a fuga em direção a um pretenso determinismo estéril. Renunciar à liberdade em troca do perecimento da responsabilidade, esta é a empreitada.

É a partir desta radicalização da indeterminação humana que a liberdade floresce no pensamento sartriano e, com ela, uma ameaça surge, concomitante com o acento da responsabilidade: a fuga dela própria. Assim, a noção mais original e complexa do existencialismo ingressa no teatro sartriano e encontra no espaço da existência seu palco de atuação.

O cenário proposto em *O ser e o nada* coloca em aparente rota de colisão a aptidão reiterada de nadificação, ou seja, a incapacidade de qualquer coisa determinar o humano de um lado e, de outro, a realização constante do ser enquanto força motriz de iniciar processos. Percebam, o que Sartre está discutindo é se a indeterminação humana é de tal ordem a ponto de obliterar, não a indeterminação em si, mas a responsabilidade que deriva deste espaço existencial humano. O que está em jogo é a habilidade de se impor uma determinação valorativa suficientemente eficaz no intuito de para minar a condição humana em sua liberdade. Posso tudo? Até de deixar de ser *essa indeterminação que sou*?

Em nome da liberdade, seria possível escapar do custo que a própria liberdade parece impor, transformando cada homem no mais fiel discípulo do pedagogo e de sua adorável filosofia libertária dos “fios que o vento arranca das teias de aranha e que flutuam a dez pés do solo” (SARTRE, 2005, p. 17) como exposta na peça “As moscas”?

O exótico dessa empreitada está no fato de utilizar táticas aplicáveis a outras pessoas em relação a mim mesmo: o desejo de velar algo, que é meu, de mim mesmo. Trata-se de um paradoxo, e não de uma contradição. Não se trata de uma alucinação etérea, de uma forma sem conteúdo, de um falso problema: as condutas de fuga devem ser tratadas como práticas reais, estratégias concretas, e não como ilusões psíquicas ou pseudo-problemas lógicos. Essa é a base para o estudo sartriano da má-fé. A má-fé nada mais é do que a tentativa do homem de recorrer a condutas de fuga de sua própria liberdade. Não se trata de uma contradição, primeiro, porque, em um plano lógico, não é possível coincidir *ser angústia com fuga da angústia*, configurando-se, assim, dois estágios distintos. Segundo, em um nível ontológico, a despeito de sua ambição de supressão da responsabilidade e, por conseguinte, de sua liberdade, não há aqui a negação de que sou angústia. Ao contrário, só posso impetrar condutas de fuga, só desejo fugir desse estado, por me reconhecer enquanto tal. Não nego mais a evidência, mas busco afastá-la de mim por intermédio de mecanismos de fuga: “fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo” (e, por isso,) “a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia” (SARTRE, 2005, p. 89).

Permanece no horizonte a figura de um paradoxo: como posso alienar de mim um aspecto tão profundo do meu ser, a liberdade? A má-fé seria uma capacidade nadificadora, não dos motivos escolhidos, nem mesmo do passado que fui, mas e em última análise, da minha própria condição, sob o risco, inclusive, de não ser mais possível descrevê-lo ontologicamente. Não se deve perder de vista a profundidade de tal empreitada. A investida da má-fé pode significar uma capacidade excêntrica da nadificação, alcance longínquo que atingiria o próprio homem em seu âmago, tornando débil até mesmo sua liberdade. Como aquele que arriscou perder o mundo na busca de uma ideia clara e distinta, Sartre aposta a própria noção de liberdade, levando-a ao seu limite, em nome de uma realidade mais distinta, sem subterfúgios ou proteções, que irá ser a base, caso seja bem-sucedida, de toda uma outra realidade.

O estudo da má-fé se desenvolverá a partir de um ambiente em que se constata um deslocamento insistente do *para-si* em direção ao *em-si*, atuando dentro da exótica transcendência descrita por Sartre, de uma transcendência na imanência. A má-fé, sendo uma variação dessa transcendência, tem de se haver com uma nova questão para fundamentar-se: a questão do não-ser. Se não é possível falar sobre supostos regimentos que orientariam ou influenciariam o ser humano, torna-se imperativo saber como esse mesmo ser, tomado pelo nada que o cons-

titui, translúcido em sua interioridade, pode empreender condutas de fuga de si próprio? Além do tema incontornável do nada, será preciso – e aqui há uma novidade trazida por Sartre –, para o prosseguimento desta investigação, encontrar uma nova forma de análise. Será necessário recorrer a descrições de situações concretas, cotidianas, acontecimentos reais que sejam capazes de apresentar o *modus operandi* do homem, sua realização no mundo para que se possa corretamente captar o jogo instaurado pela má-fé.

Ao se colocar a pergunta “o que deve ser o homem em seu ser para que lhe seja possível negar-se?” (SARTRE, 2005, p. 93), Sartre busca afastar a especificidade da má-fé de injustificáveis aproximações com a mentira, ironia ou mesmo ressentimento. Neste percurso, haverá o reconhecimento de que o caracteriza a singularidade da má-fé é, sem dúvida, a unidade da consciência nesse processo autoimplicante. Não por outro motivo, Sartre recusará a identidade com a mentira e descredenciará a solução psicanalítica. O campo de batalha será o da consciência que se dramatiza como meio de evasão do peso que a liberdade confere aos atos humanos. Sartre, de forma desconcertante, analisará as condutas de fuga com base em descrições do cotidiano, a partir de ficções situadas; e não através de engenhosos jogos conceituais ou argumentativos. Em meio a cenas do dia a dia, o homem, ao se deparar com a falta de fundamento de sua existência, irá negá-la, buscando uma saída para sua própria liberdade. Um encontro amoroso, um viciado em jogos, a discussão de um casal gay, uma caminhada frustrada, dramas que se tornarão o solo sobre o qual Sartre descreverá uma curiosa articulação entre *ficção* e *investigação filosófica*, rumo a uma melhor compreensão da má-fé e, por fim, da própria condição humana.

Nesta fauna mundana oferecida por Sartre, talvez a história que melhor apresente este estudo, sem recorrer nem a análises de conjunturas externas nem a uma redução da existência através de uma ilusória interioridade humana (ao tão desgastado recurso do conflito interno), seja a do garçom:

Tem o gestual vivo e apurado, um tanto quanto preciso, um tanto rápido demais, ele vem em direção aos frequentadores num passo um tanto quanto ágil, se inclina com demasiada disposição, sua voz, seus olhos exprimem um interesse demasiado solícito pelo pedido do cliente, por fim, [...] lá vem ele, tentando imitar no seu passo o rigor inflexível, de sabe-se lá qual autômato, sempre levando sua bandeja com um tipo de temeridade de funâmbulo, mantendo-se em um equilíbrio perpetuamente instável e perpetuamente rompido, que ele restabelece perpetuamente com um movimento ligeiro do braço e da mão (SARTRE, 2008, p. 94).

O personagem construído é especialmente interessante por representar uma função im-pessoal, em conjunto com uma aura de intimidade. O garçom, para o cliente, é aquele homem específico que o atende, mas, ao mesmo tempo, o faz como outro qualquer, na medida que é mais um exercendo um papel determinado. Sua singularidade é dissolvida na peculiaridade de um papel a ser realizado, a ser representado. Sartre classificará esse exercício de brincadeira, jogo, encenação (*un jeu*).

A conduta de um garçom se assemelha à de um ator, a de uma atuação esperada por um público sentado nas mesas dos bares. Há uma correspondência entre o gestual do garçom e seus espectadores, que acaba por constituir o próprio espaço de atuação e, em última análise, naquilo que permite identificar o garçom com a sua atuação. Contudo, diferente de um ator que, por ter a especialização de representar, acaba por destacar a própria representação de si, o garçom, ao contrário, é comumente reduzido à sua atuação: ou bem ele representa e produz uma fusão entre função e agente ou bem é desqualificado, não como profissional apenas, mas enquanto existente. Na prática, não há uma efetiva independência entre os atos do garçom e a

percepção de sua humanidade. Acredita-se que não há por trás do garçom uma pessoa autônoma, que, ao vestir seu uniforme e portar sua bandeja, incorpore apenas transitoriamente um ofício. O que é capturado é uma entidade um tanto quanto etérea e minimamente efetiva para o desempenho, um garçom: e não uma pessoa real no exercício de uma função de atendimento. Assim o é, pois não costumamos suportar com facilidade a multiplicidade humana; temos a tendência de colapsarmos a complexidade humana em fórmulas reducionista, por meio de facilitações como aquelas que convertem uma pessoa a personificações de um agressivo, problemática, alegre ou ainda a de alienada.

O que Sartre está a descrever é a existência de uma confusão, de uma verdadeira justaposição entre o indivíduo enquanto garçom e o papel de garçom, que alimentará a esperança da possibilidade de sinceridade¹. Mas a sinceridade aqui se apresenta, não como uma elevação cobiçada, transparência digna da metafísica, mas como uma instância de aprisionamento, uma conversão do humano em coisa: “vemos quantas precauções são necessárias para aprisionar o homem no que é, como se vivêssemos no eterno temor de que escape, extravase e eluda sua condição” (SARTRE, 2012, p. 106). O que Sartre está a explicitar é a pergunta que norteará todo o seu trabalho em *O Ser e o Nada: que ser é este, o humano, capaz de existir sem qualquer determinação típica dos inanimados?* Como há vivência sem a estabilidade e fixidez distintiva dos objetos em geral? Ou ainda, que figuras estrangeiras somos nós que nos fazemos em meio a uma profusão de habitações, em uma fatura de sentimentos e a partir de um excesso de transmutações sem fim? Enfim, não é possível, a partir de uma provocação existencial, colocar como parâmetro para a vida humana conceitos como normalidade ou desempenho, eficácia ou progresso, justamente por reconhecer nessas estruturas-guia de nossa cultura uma violência aniquiladora de nosso modo de ser. Vive-se à maneira de uma negação da vida. Em uma analogia fisiológica, é como se houvesse um empenho para restringir a respiração a pequenos intervalos, aos menores possíveis, entre longas e constantes apneias, a ponto de produzir uma letargia funerária.

Se esse fundo de violência que sustenta o ideal de sinceridade não fosse suficiente para questionar sua pertinência, aponta-se no horizonte da questão uma inviabilidade prática de efetivar tal projeto. Impossibilidade no tocante ao seu intento, e não ao seu exercício, diga-se de passagem. O garçom, por mais que se esforce para se dissolver na sua função, tentando realizar sua existência exclusivamente na representação, escapa de si tal qual aquele que representa um personagem no teatro. Suas funções podem ser determinadas – arrumar o salão, atender os fregueses, levar o pedido à mesa etc. – e o exercício pode ser executado com empenho (gentileza, presteza, rapidez), mas tudo isso não passa de juízos e atos intrínsecos ao papel que ele exerce, e não de sua existência propriamente dita. Não há como, mesmo em má-fé, o homem coincidir-se com a maneira de ser dos objetos. O garçom é garçom na medida em que representa ser garçom, o que o torna indelevelmente separado desse mesmo papel, distante da efetivação do objetivo de *ser garçom* e nada mais.

É preciso levar a sério a ideia de projeto, pleiteada tantas vezes por Sartre em sua descrição da realidade humana para compreender a falência da má-fé e, paradoxalmente, de sua inevitável tentativa. Não só a noção de projeto comporta o aspecto de movimento e incompletude, tão caros ao entendimento sartriano do humano, mas também revela a capacidade de articulação temporal da existência humana: o homem é aquele que só o é enquanto projeção

¹ “A cortesia exige que se circunscreva à função, assim como o soldado em posição de sentido faz-se coisa-soldado com um olhar direto, mas que nada vê, e não foi feito para ver, pois é o regulamento, e não o interesse do momento, que decide o ponto que deve fixar (o olhar ‘fixo a dez passos de distância’)” (SARTRE, 2012, 106).

de si mesmo. A sinceridade, a busca por uma identidade duradoura entre intenção e ação, nada mais é do que uma expressão de um recurso que almeja coincidir o *para-si* com o *em-si*. Isso porque não posso ser aquilo que sou, no sentido de que uma mesa consegue ser uma mesa. O homem só pode ser, *sendo, o que não é*, na forma de um projeto de ser que se desgarrar de si para projetar o que pretende ser: “eternamente ausente de meu corpo e meus atos, sou a despeito de mim mesmo, aquela ‘divina ausência’ de que fala Valéry [...] Por toda parte, escapo ao ser – e, não obstante, sou” (SARTRE, 2012, p. 107).

A sinceridade, abalada em sua integridade, descobre-se como finalidade inviável, restando-lhe o espectro de projeto de ser à maneira de ser do humano. A consciência, em seu modo de ser, constante transcendência, rechaça qualquer tentativa de coincidir *isto com aquilo*. Não há estágio definitivo nos casos humanos, da mesma forma que não há caracteres imutáveis, apenas escolhas, atos, posturas, estados. Não haverá o momento em que o *para-si* se tornará pleno, pois “transcendemos o ser, não rumo a outro ser, mas rumo ao vazio, rumo ao nada” (SARTRE, 2012, p. 109-110). Assim, o jovem que promete fidelidade à sua amada, o político que defende uma causa ou o crente que se confessa ao santo padre acabam por camuflar seu projeto de ser através da ilusória fé na sinceridade. E essa, por sua vez, adquire aparência de uma conduta autêntica por prometer, subliminarmente, a transformação da pura indefinição em um confinamento duradouro². Projeto de má-fé. É projeto de má-fé porque, o que confere veracidade e concretude ao seu discurso não é, ironicamente, a sinceridade, mas justamente a ambivalência da sinceridade ou, se preferirem, a impossibilidade de se ser precisamente sincero. Trata-se de uma promessa que já comporta em si um perjúrio. O que quero dizer é que prometer fidelidade não é garantia de fidelidade, que defender uma causa não impede a traição do movimento e o reconhecimento de culpa não interdita a reincidência do ato.

Entretanto, em conjunto com este projeto de má-fé, há, genuinamente também, um projeto de ser humano. É só nesta desintegração dos compromentimentos prévios em relação aos acontecimentos presentes que a má-fé pode ser cogitada. Todo projeto em má-fé, antes de se afirmar, ratifica a condição humana, mais especificamente, o fato de que “a indeterminação humana é tão independente das forças externas quanto é indissolúvel sua relação com este ambiente mundano” (NORBERTO, 2017, p. 127). Expressividade de uma condição.

A impossibilidade da realização plena da atitude de má-fé, contudo, não extingue sua efetividade. Quantas relações se constituem, quantos projetos prosperam, quantas normas são criadas em uma sociedade tendo como base a crença de uma ilusão? A originalidade da questão está, não exatamente na admissão de seus efeitos oriundos desta quimera, mas no fato da sinceridade compartilhar com a má-fé um certo *modus operandi*: busca escapar da indeterminação humana, ancorando-se na estabilidade de condutas predeterminadas. E o faz por intermédio da capacidade reiterada humana de se fazer para além de suas atitudes já realizadas. Mesmo em uma disposição lógica extrema, como a sinceridade ante os fatos passados – ser sincero sobre o que aconteceu –, o reconhecimento passa a ser possível, não por uma suposta resolução temporal (o passado estaria definido), mas, diversamente, em virtude do modo de ser do *para-si*, devido a “ineficiência dos motivos justificarem o ato escolhido” (NORBERTO, 2017, p. 117): toma-se o passado como algo desgarrado de seu ser, como uma coisa, como um *em-si*. Ironias da condição humana.

Assim, descortinadas as ilusões que pairavam sobre essa idealização da sinceridade, é possível avançar sobre suas estruturas mais íntimas, comumente escamoteadas e, por isso,

² Como no ideário de eternidade, em que a vida é apartada de sua unidade possível, a do ato, para buscar a perpetuação na repetição silenciosa característica de um cadáver. Ver em “A busca do absoluto”, em *Alberto Giacometti: Textos de Jean-Paul Sartre*.

mais decisivas. Em má-fé, busco não ser o que sou, tento não ser esta abertura de possibilidades em nome de uma identidade que aplacaria o peso da contingência. Contudo, mesmo na busca por uma identificação estabilizadora, só consigo sê-lo à maneira do *para-si*. Sem jeito de ser outro que não a mim mesmo, a única identificação possível, a que resta ao homem sob o signo desta condenação libertária, é ser projeto. Logo, em má-fé, não se trata de uma troca definitiva entre esses polos (ou seja, a realização de sua finalidade), mas sim uma busca da manutenção desse jogo hipócrita (a instituição de uma confusão operacional). O que importa – e isso é de grande relevância –, é o foco no estado inebriante, confuso e artificialmente ins-tável provocado por tal conduta, e não, efetivamente, uma mudança implementada, visando uma condição outra para o homem³. Trata-se de sobrevalorizar efeitos de superfície como estratégia de encobrir aquilo que me interdita a me fazer como unidade e, deste modo, me convencer da minha irresponsabilidade diante do mundo. Busca-se substituir a gratuidade do existir pela irresponsabilidade do agir.

Desse jogo de disfarces promovido pela consciência em um projeto de má-fé, um fato desponta como o eixo de tais condutas: a habilidade da consciência transitar entre o ser e o não-ser. Só um ser, o *para-si*, que ignora estruturas preestabelecidas, impossibilitado por sua condição de reconhecer determinação alguma em seu agir (a não ser aquelas tomadas, a cada momento, como tais), e afeito as dimensões tanto do ser quanto ao exercício do não-ser, pode, por temperamento e por imposição⁴, adotar condutas de fuga⁵. A má-fé atua em duas frentes simultaneamente: nega o que sou e tenta me fazer ser o que não sou; nego que eu seja essa desagregação constante, este *vir-a-ser* contínuo para, ao mesmo tempo, me fazer aderir a condutas aparentemente estrangeiras a mim. Este projeto se mostra prodigiosamente capaz de existir à maneira de *não ser o que se é* à maneira de ser o que não se é. Com isso, é imperioso reconhecer que todo projeto de má-fé reclama para si uma fé, uma crença que funciona como a amálgama nesse constante jogo entre *ser* e *não ser*. Todavia, essa crença distingue-se do cínismo, o que é incontestado, mas também da natureza de uma evidência racional. A má-fé não opera nem no estrito registro do fingimento nem na garantia da clareza dos fatos: há que se ter uma crença no projeto de fuga, mas em uma inscrição de convicção não confirmada.

Contudo, o caráter excêntrico dessa constatação, de uma fé na má-fé, é o recurso a uma crença em uma atitude que prima pelo esforço de confundir a própria consciência. Dito de outro modo, como a má-fé só subsiste como projeto se houver uma crença nesse projeto, a novidade não está exatamente na existência de uma fé, mas sim no impacto do funcionamento desta fé na má-fé. Não há como adotar posturas de má-fé totalmente ciente de sua fé-má: ou bem tomo o projeto como crível, tenho ou é inviabilizada sua realização. A ideia de projeto já pressupõe, concomitantemente com sua precariedade, a necessidade de uma manutenção, de um suporte sempre renovado, o que evidencia o componente de fé de sua existência.

Se a crença é exigida, sua atuação não é conclusiva. Há que se perceber o jogo ambíguo que é proposto em uma atitude de má-fé, nessa tensão sustentada artificialmente entre o engano e a certeza, entre a maldade e a fé. Esse modo de ser da má-fé acaba, necessariamente, por reconciliar toda uma realidade – tanto o passado quanto o futuro – na forma de uma submissão

³ “A sinceridade não determina uma maneira de ser ou qualidade particular, mas, devido a essa qualidade, almeja a me fazer passar de um modo de ser a outro” (SARTRE, 2012, p. 113). Sartre insistirá na natureza incessante deste jogo.

⁴ Razão que fez com que Sartre, por provocação e por rigor teórico, aproximasse a liberdade à condenação: “Ser livre é estar condenado a ser livre” (SARTRE, 2012, p. 183).

⁵ “Se a má-fé é possível, a título de simples projeto, é porque, justamente, não há diferença tão aguda entre ser e não ser, quando se trata de meu ser” (SARTRE, 2012, p. 113).

ao seu projeto presente. O mundo passa a corresponder a sua proposição, a responder às questões lançadas pela má-fé, vertendo de sua conduta o sentido próprio para a existência.

A má-fé mostra-se, então, uma articulação dentro dos pressupostos ontológicos humanos. Seu desenvolvimento se dá, imperiosamente, no mundo, respeitando, explorando e, por fim, ficcionando o caráter transcendente do homem. Logo, a má-fé não é um projeto alienígena ao homem, tampouco estranho ao mundo. Sua prática não retira seu agente do mundo, nem mesmo o isola em sua suposta interioridade subjetiva. A má-fé é *coisa humana no mundo*.

Esta contradição aparente — estado que não é inteiramente fé nem tampouco uma mentira — é suportada por este entendimento da mundanidade da má-fé. Neste mundo constituído pela atitude em má-fé, a partir de sua forja da verdade – e para quem se surpreender com a expressão “verdade” associada à má-fé, Sartre (2012, p. 116) dirá que “com a má-fé aparecem uma verdade, um método de pensar, um tipo de ser dos objetos; e esse mundo de má-fé, que de pronto cerca o sujeito, tem por característica ontológica o fato de que, nele, o ser é o que não é e não é o que é” – surge uma evidência que servirá de suporte para a projeção em curso. Nessa produção de mundo realizada pela má-fé, a consciência se deparará com acontecimentos, projetos, condutas, e as tomará como verdades, acolhendo-as sob a luz de um projeto já concebido. Há, na má-fé, uma abordagem da vida que é necessariamente despretensiosa (aceitando o indício como fundamento) e, ao mesmo tempo, incrivelmente contundente (conformando tudo a sua imagem e semelhança). A relação se dará na superficialidade de sua apreensão, que “se delinea inteira na resolução de *não pedir demais*, dá-se por satisfeita quando mal persuadida, força por decisão suas adesões a verdades incertas” (SARTRE, 2012, p. 116).

É possível dizer que nem a fé – a crença da má-fé – escapa de seu projeto. Ela sustenta o projeto, mas sob sua influência. Tal qual sua visão de mundo, das evidências apreendidas, das verdades aceitas, do modo de pensar, a fé da má-fé é também fé *à maneira de* má-fé. A má-fé suporta todas as relações, atribuindo um princípio que anima cada espectro de sua realidade. A consciência em má-fé não reflete sobre sua fé, e assim é capaz de adotá-la de uma forma pouco exigente; ela ocorre em um registro outro da volição⁶. De natureza instável, a má-fé torna-se afeita a uma constante renovação de seu estado, a uma perpétua preservação de seu projeto, em sintonia com a manutenção de seus valores escolhidos⁷.

Diante desse cenário, torna-se inútil tentar coincidir um ato corajoso com uma suposta tendência corajosa, da mesma forma que passa a ser necessário abdicar de conceitos formadores para determinar a causalidade das condutas humanas. A conquista primeira (e talvez maior) dessa análise das condutas de fuga, a partir do afloramento de seu traço ficcional, seja livrar a realidade humana dos equívocos tradicionais que, no anseio de resguardar a primazia da dignidade humana, a tenha reduzido ao estado de coisa, ao fechamento em si como pedra⁸. Nessa percepção da realidade humana constituída por sua transcendência, a má-fé, ironicamente, supera a sinceridade e a crença, para apoiar-se em uma evidência, porém evidência esta não persuasiva, dando a esse projeto tanto uma precariedade quanto uma concretude de uma fé, senão inabalável, ao menos perpetuamente renovável.

Desta forma, Sartre consolida a singularidade da má-fé, nos deixando de herança um outro olhar sobre a existência humana. Apesar da aparência de uma mentira, a despeito de um

⁶ “Não se trata de uma decisão reflexiva e voluntária, e sim de uma determinação espontânea de nosso ser” (SARTRE, 2012, p. 116).

⁷ “Decido acreditar neles e ater-me a tal decisão, levo-me, enfim, como se estivesse certo disso – e tudo na unidade sintética de uma mesma atitude. O que assim defino como boa-fé é o que Hegel denominaria o imediato, é a fé do carvoeiro” (SARTRE, 2012, p. 116).

⁸ A recusa à mudança e à contingência, inerentes à vida, será fonte de descaminhos como, por exemplo, a descrita por Sartre sobre a postura antissemita (SARTRE, 1995, p. 15).

ilusório aspecto de cinismo e, por fim, não obstante de se utilizar, em certa medida, da dissimulação como estratégia, a má-fé ultrapassa todas essas noções para se firmar como uma ambiguidade efetiva da consciência, na forma de uma pura reinação (NORBERTO, 2017, p. 85). A má-fé apoia-se na ambiguidade humana para ousar suplantá-la, mesmo que, ao fim e ao cabo, acabe por apenas expressá-la. Diferentemente de uma boa-fé, que nega a instabilidade da existência, idealizando um humano semelhante à solidez do *em-si*, a má-fé precisa, ironicamente, ignorar o *em-si* na afirmação da *desagregação íntima do meu ser*.

Como não constatar na má-fé, a partir desta descrição, que, apoiado em uma epoché fenomenológica, é possível vislumbrar uma inesperada similitude de sua dinâmica com o procedimento específico da ação, como descrito pelo existencialismo. O abanado da eficácia pela assunção da suficiência, o perecimento de qualquer ambição de posse pela afirmação da atuação, o ocaso da finalidade pelo ânimo da projeção: traços constitutivos da ação humana impressos surpreendentemente nos projetos em má-fé⁹.

A má-fé apresenta-se como uma expressão da condição humana, o que não a faz ser nem um sinônimo da liberdade nem um valor em si, evidentemente. O que está em jogo é perceber os jogos constitutivos que se dão no acontecimento humano, e não uma recaída no modelo metafísico, que anseia por um sujeito normalizado e determinado. Há, por exemplo, no homem em má-fé, uma inconsciência de sua precariedade estruturante. Este mesmo ser humano, em má-fé, é capaz de jogar com essas instâncias, escapando de uma em direção à outra, constantemente, transformando sua responsabilidade em alienação ativa e seu empenho real em uma enganosa futilidade¹⁰. Em termos existenciais e no âmbito coletivo, os efeitos são profundos e distintos.

Todavia, uma realidade desconcertante é exposta ao se compreender a natureza da má-fé, que ronda cada ato humano, vigente em nossa história: o enfrentamento de valores universais *de nosso tempo* contra a constituição da subjetividade *em nossa história*. Consequentemente, noções como essência, estrutura, categoria ou outra noção que designe, material ou formalmente, orientação ou tendência determinante à consciência são esvaziadas de sentido, a partir deste estudo de ontologia fenomenológica. O despropósito desses conceitos metafísicos advém da aptidão incorrigível da consciência de se desagregar de si mesmo, desta liberdade fundadora e motriz, revelada a cada atitude humana, que encontra resistência momentânea unicamente no espaço social e cultural em que está disposta. O que inviabiliza a má-fé enquanto transformação definitiva e a define, consequentemente, como uma fisionomia da liberdade humana, é o mesmo que interdita qualquer resíduo de determinismo ou causalidade nos negócios humanos *a priori*. Essa descrição alcançará também o âmbito ético, tornando-o em Sartre tanto “a razão de ser do existencialismo” quanto um dilema sem resolução (NORBERTO, 2019, p. 18). A contemporaneidade lança seu enigma e aguarda que seu Édipo a decifre, forjando, deste modo e no percurso, sua verdade.

Por esta razão, a indeterminação humana, descrita nas condutas de fuga, se mostrará espaço privilegiado de diagnóstico da cultura em que está inserida e força propulsora da batalha política, em seu cômputo histórico. Assim o é, pois a má-fé expressa, com uma transparência singular, a dialética constitutiva do humano, através do mecanismo que busca ser o *mesmo*, por uma exigência de reconhecimento individual, mas o faz, paradoxalmente, através de um procedimento típico de *um outro* (há pretensão de se fazer único, tendo como parâ-

⁹ Para esta descrição da compreensão sartriana da ação, ver o “Sartre e a genealogia” (NORBERTO, 2021).

¹⁰ “Se a má-fé é possível, deve-se a que constitui a ameaça imediata e permanente de todo projeto do ser humano, ao fato de a consciência esconder em seu ser um permanente risco de má-fé” (SARTRE, 2012, p. 118).

metro uma igualdade prévia e universal). Enfim, na cultura contemporânea, a subjetivação humana está permeada pelos ideais metafísicos, por suas contradições e pelos seus projetos inexecutáveis, fazendo com que a reflexão sobre sua formação se mostre uma análise conjuntural e relevante de nossa realidade. Trata-se de um tempo ainda em curso e, portanto, de uma tarefa ainda a ser realizada, em que o modo de ser humano está imbricado com as forças atuantes de nossa cultura.

Referências

- NORBERTO, M. S. A impertinência de uma ética sartriana. *Veritas*, Porto Alegre, v. 64, n. 3, p. 1-20, jul./set. 2019.
- NORBERTO, M. S. *O drama da ambiguidade – a questão da moral em O Ser e o Nada*. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- NORBERTO, M. S. 2021. Sartre e a genealogia. *O que nos faz pensar*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 48, p. 190-211, jan./jun. 2021.
- SARTRE, J-P. *Alberto Giacometti – Textos de Jean-Paul Sartre*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: WMF Martins Fontes Editora, 2013.
- SARTRE, J-P. *A questão judaica*. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- SARTRE, J-P. *As moscas*. Tradução de Caio Liudvik. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.
- SARTRE, J-P. *A transcendência do ego – Esboço de uma descrição fenomenológica*. Tradução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Edições Colibri, 1994.
- SARTRE, J-P. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. 21. ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- SARTRE, J-P. *Théâtre*. Paris: Éditions Gallimard, 1962.

Sobre o autor:

Marcelo S. Norberto

Doutor em Filosofia pela PUC-Rio. Professor do CCE/PUC-Rio e pós-doutorando na PUCRS. Possui trabalhos publicados na área de Ética e Filosofia Política. Autor do livro *O drama da ambiguidade: a questão da moral em O Ser e o Nada* (Edições Loyola), bem como um dos organizadores da *Série Sartriana* (Editora PUC-Rio/Numa Editora) e da coleção luso-brasileira *Fenomenologia e Cultura* (NAU Editora/Editora PUC-Rio).

Recebido: 12/08/2023
Aprovado: 26/08/2023

Received: 12/08/2023
Approved: 26/08/2023